

## A difícil arte da tradução

Paula Berinson

Engana-se quem julga que a tradução é tarefa para todos. Tradução é esforço. É trabalho duro. Tradução é arte. Não se trata simplesmente de transpor palavras da língua de origem para a língua de destino. Este é apenas o pontapé inicial. Porque cada língua é única e tem as suas maneiras próprias de expressão.

São muitos os desafios que a tradução de um texto coloca aos tradutores, seja na adaptação do texto de língua destino à época em que se passa o texto da língua origem, seja na tradução de termos técnicos ou na escolha do vocabulário. E o dicionário é o melhor amigo do tradutor, a sua ferramenta básica.

Resumindo, o tradutor é acima de tudo, um intérprete. Traduzir é interpretar.

A primeira tradução que fiz de um livro, *As Peregrinações de uma Pária*, foi um belo exercício de paciência e persistência, um percurso de idas e vindas. Juntamente com Maria Nilda Pessoa, comecei as primeiras leituras na edição da Maspero de 1979, que suprime vários trechos da publicação original (1/4 do total, nas palavras do editor) e transforma a numeração dos capítulos. O texto original é de 1838 e foi publicado pela Arthur Bertrand Livraria: contém uma Carta aos Peruanos, assinada pela autora e datada de agosto de 1936, um longo texto com uma epígrafe tirada de São Mateus, que anuncia o valor da fé. Segue-se uma apresentação, onde a autora apresentará ao leitor as razões que a levaram a empreender a longa viagem entre Bordeaux, na França e Arequipa, no Peru. Trata-se de um texto autobiográfico bastante elucidativo.

A edição de 1838 apareceu em dois volumes, assim distribuídos:

1º volume – *prólogo, carta aos peruanos, prefácio* e oito capítulos numerados em algarismos romanos do I ao VIII;

2º volume – dez capítulos, numerados de I a X.

No que diz respeito à parte técnica da tradução, devo assinalar que eu, juntamente com Nilda, conservei em espanhol os termos que assim apareciam no texto da edição francesa, o mesmo acontecendo com os termos em itálico. Procurei permanecer o mais próximo possível do espírito do texto, inclusive fazendo opções por um vocabulário mais erudito, na perspectiva de uma linguagem do século XIX, já atualizada no texto da Maspero.

Tive acesso ao texto da edição original de 1838 graças à intervenção de Elizabeth Siqueira, que conseguiu o primeiro tomo na biblioteca da Universidade de Urbana, Indianápolis. A ajuda de Peggy Sharpe, professora americana muito ligada aos estudos de autoras latino-americanas e brasileiras, foi preciosa para que eu, ou melhor, para que tivéssemos acesso a esses textos e também ao que foi publicado em espanhol, na íntegra. Com os textos em mãos, fiz (fizemos) o cotejo entre esse texto e o da Maspero, assim como entre a edição espanhola e o texto em francês, cujo segundo volume só foi possível adquirir por meio de Zahidé Muzart, que só o conseguiu através do site da Biblioteca Nacional na França, a quem agradeço (agradecemos) o interesse pela tradução da obra mais importante de Flora Tristan.

Mais do que a disputa pessoal da autora em busca de seus direitos a uma herança paterna e das reflexões sobre sua situação, o que se lê nos dezoito capítulos do livro são as observações acumuladas sobre a situação da mulher tanto na sociedade europeia quanto, sobretudo, na hispano-americana. A viajante estabelece comparações quase sempre desfavoráveis em relação à situação da mulher nos países americanos que visita, sobretudo o Peru, onde permaneceu por dois meses.

Agradeço pela feliz confluência de interesses que fez com que editássemos este *As Peregrinações de uma Pária*: por um lado, eu e Nilda com a tradução praticamente pronta à procura de uma editora, por outro a Editora Mulheres, tendo em seu projeto original a publicação do livro que era o carro-chefe da feminista Flora Tristan.

Esta primeira tradução de *As Peregrinações de uma Pária* me abriu portas e janelas. Foi assim que continuei a traduzir livros para a Editora Mulheres.

Depois da tradução do livro de Flora Tristan, seguiu-se a co-tradução de *Cartas de Nísia Floresta a Auguste Comte*, que contém a correspondência trocada entre *Nísia Floresta* e *Auguste Comte*.

A primeira, *Nísia Floresta*, ou melhor, *Nísia Floresta Brasileira Augusta*, foi educadora, escritora e poetisa brasileira. Considerada uma pioneira do feminismo no Brasil, como o foi Flora Tristan na França, foi possivelmente a primeira a escrever em jornais, numa época em que a imprensa nacional ainda dava os primeiros passos. Escreveu em defesa dos direitos das mulheres, dos índios e dos escravos, o que também fez a autora d'As Peregrinações. "Infelizmente", resalta Luiz Fernando Veríssimo, "a falta de divulgação da obra de Nísia tem sido responsável pelo enorme desconhecimento de sua vida singular e de seus livros considerados de grande valor". Entre suas principais obras, destacam-se *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*; *Conselhos a minha Filha*; *Opúsculo Humanitário* e *A Mulher*.

O segundo, Auguste Comte, foi filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo. A filosofia positiva de Comte nega que a explicação dos fenômenos naturais, assim como sociais, provenha de um só princípio. A visão positiva dos fatos abandona a consideração das causas dos fenômenos (*Deus* ou *natureza*) e pesquisa suas *leis*, vistas como relações abstratas e constantes entre fenômenos observáveis.

Pode-se dizer que o conhecimento positivo busca "ver para prever, a fim de prover" - ou seja: conhecer a realidade para saber o que acontecerá a partir de nossas ações, para que o ser humano possa melhorar sua realidade. Dessa forma, a previsão científica caracteriza o pensamento positivo.

O espírito positivo, segundo Comte, tem a ciência como investigação do real. No social e no político, o espírito positivo passaria o poder espiritual para o controle dos filósofos positivos, cujo poder é, nos termos comtianos, exclusivamente baseado nas opiniões e no aconselhamento, constituindo a sociedade civil e afastando-se a ação política prática desse poder espiritual - o que afasta o risco de tecnocracia (chamada, nos termos comtianos, de pedantocracia).

O método positivo, em termos gerais, caracteriza-se pela observação. Entretanto, deve-se perceber que cada ciência, ou melhor, cada tipo de fenômeno tem suas particularidades, de modo que o método específico de observação para cada fenômeno será diferente. Além disso, a observação conjuga-se com a imaginação: ambas fazem parte da compreensão da realidade e são igualmente importantes, mas a relação entre ambas muda quando se passa da teologia para a positividade. Assim, para Comte, não é possível fazer ciência (ou arte, ou ações práticas, ou até mesmo amar!) sem a imaginação, isto é, sem uma ativa participação da subjetividade individual e por assim dizer coletiva: o importante é que essa subjetividade seja a todo instante confrontada com a realidade, isto é, com a objetividade.

Dessa forma, para Comte há um método geral para a ciência (observação subordinando a imaginação), mas não um método único para todas as ciências; além disso, a compreensão da realidade lida sempre com uma relação contínua entre o abstrato e o concreto, entre o objetivo e o subjetivo. As conclusões epistemológicas a que Comte chega, segundo ele, só são possíveis com o estudo da Humanidade como um todo, o que implica a fundação da Sociologia, que, para ele, é necessariamente histórica.

Além da realidade, outros princípios caracterizam o Positivismo: o relativismo, o espírito de conjunto (hoje em dia também chamado de holismo) e a preocupação com o bem público (coletivo e individual). Na verdade, na obra *Apelo aos conservadores*, Comte apresenta sete definições para o termo positivo: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático.

"A gênese do Positivismo ocorreu no século XIX, num momento de transformações sociais e econômicas, políticas e ideológicas, tecnológicas e científicas profundas decorrentes da consolidação do capitalismo, enquanto modo de produção, através da propagação das atividades industriais na Europa e outras regiões do mundo. Portanto, o "século de Comte" e sua amada França mergulharam de corpo e alma, numa "deusa" chamada razão, colocando sua fé numa "Nova Religião", caracterizada pela junção entre a ciência e a tecnologia, tidas como a panaceia da humanidade, no contexto da expansão, pelo Globo, do Capitalismo Industrial." (VALENTIM 2010)

São estes, pois, os dois missivistas de que trata essa obra, uma feminista e um positivista. Traduzi as cartas da primeira para o segundo, enquanto as dele para ela foram traduzidas por outra pessoa.

Continuando neste caminho de tradução de obras de mulheres, que constitui a linha editorial da Editora Mulheres, traduzi em seguida *Uma Colônia no Brasil*, da Baronesa Van Languendonck, cujo nome de batismo era Marie Barbe Antoinette Rutgeerts Van Languendonck, mulher corajosa e inteligente, que, tendo ficado viúva, deixa seu país natal (a Bélgica) e segue para o Brasil, aonde chega com dois filhos e funda uma colônia, no Rio Grande do Sul. Sua narrativa viva encanta, com observações inteligentes sobre os costumes, o povo e o Governo do país onde viveu por dois anos.

Traduzi, ainda, para a Editora Mulheres, o livro *Madeleine Pelletier: Memórias de uma Feminista*. Madeleine Pelletier foi médica, psiquiatra e socialista ativista. Em 1906, foi a primeira mulher a se submeter a um exame para se tornar psiquiatra. Como ativista, tornou-se secretária do grupo *A Solidariedade das Mulheres*, a mais radical das organizações feministas da época. Durante esse período, ajudou também a fundar o Partido Socialista Francês. Trabalhou para a Cruz Vermelha durante a guerra, tratando feridos de ambos os lados.

Pelletier escreveu extensamente sobre os direitos das mulheres. Entre as suas obras, destacam-se *A Mulher em Luta pelos seus Direitos*; *Ideologia de Ontem: Deus, a Moral, a Pátria*; *A Emancipação Sexual da Mulher*; *O Direito ao Aborto* e *A Educação Feminista das Mulheres*.

Trabalhou ilegalmente para a União Soviética em 1921. Juntou-se ao Partido Comunista Francês quando de sua criação, mas o abandonou em 1926. Depois do rompimento com o Comunismo, abraçou o Anarquismo. Escreveu uma autobiografia, *A Mulher Virgem*, em 1933.

Ainda inéditos são os livros *Uma Parisiense no Brasil* e *Minha Infância na Alemanha Nazista*, o último deles em razão de não havermos conseguido junto à descendente da autora, autorização para sua publicação.

Pela Editora Objetiva, traduzi um romance de Alix Kates Shulman chamado *Amar o que é: um Casamento Transformado* e um livro de história cujo autor é o historiador Nicholas Shrady, que narra o terremoto que arrasou Lisboa em 1755 e que tem como título *O Último Dia*.

O primeiro deles narra a história do casal Alix e Scotty: Às duas da manhã, num dia de verão, Alix Kates Shulman acordou bruscamente para descobrir que seu amado marido de 75 anos estava caído nu e inerte no chão de sua remota cabana à beira-mar. Ele havia tombado de uma altura de três metros, do jirau onde dormiam. Embora Scott tenha sobrevivido, sofreu lesões que deixariam seu cérebro seriamente danificado. Nesse relato, Shulman descreve a vida de outro ponto de vista - os riscos, as ansiedades, e as recompensas surpreendentes, que ela experimenta na medida em que reorganiza seu mundo e suas prioridades para cuidar do marido. Descobre que o que poderia parecer uma cruel sentença de vida para alguns evoluiu para algo inesperadamente enriquecedor.

O segundo, como eu disse, é um livro de história, que narra o que aconteceu no dia 1º de novembro de 1755, dia de todos os santos e que marcaria para sempre a vida dos habitantes de Lisboa. Um terremoto arrasaria a cidade, que teria de ser reconstruída.

O primeiro abalo atingiu Lisboa na manhã do dia 1º de novembro, de 1755 - Dia de Todos os Santos. Minutos depois, outro ainda mais forte arrasou a cidade, seguido por um terceiro. Lisboa, uma das capitais mais imponentes da Europa, foi destruída em menos de 15 minutos. Então um tsunami arrastou milhares de pessoas e um vento implacável espalhou os focos de incêndio provocados pelos tremores.

O jornalista Nicholas Shrady revela, em *O Último Dia do Mundo*, que a reação ao desastre natural, mais do que a tragédia em si, é o que ainda hoje provoca grande fascínio. O terremoto em Portugal, na capital mais católica do continente, abalou as certezas intelectuais e religiosas que na época dominavam a Europa do Iluminismo.

Até 1755, as aflições que a natureza impunha sobre a humanidade eram consideradas obra de um Deus furioso - o homem estava pagando por seus pecados e fraquezas. Após a catástrofe, o lugar de Deus nas relações humanas começou a ser questionado. Voltaire, Pope, Kant e Rousseau, entre outras figuras eminentes, fizeram do acontecimento um veículo para expressar suas ideias iluministas. O grande terremoto e a subsequente reconstrução de Lisboa também deram origem a reformas sociais e econômicas memoráveis, ao planejamento urbano moderno e ao nascimento da sismologia.

"Perante o monumental alcance da destruição, o rei, que tinha 40 anos de idade e era mais propenso aos tons estrondosos da ópera e à alegria da caça do que ao trabalho obstinado de governar seu reino, estava perplexo. Mensageiros chegaram durante toda a manhã, trazendo relatos cada vez mais explícitos das cenas infernais de terror e ruína, do incalculável número de mortos e da chegada do Apocalipse. Impotente, ele fez exatamente o que nenhum monarca jamais deveria fazer: encolheu-se de medo", escreve o autor.

No entanto, o Estado português, com a ajuda do Santo Ofício da Inquisição, se esforçava para garantir que as mentes portuguesas não fossem influenciadas por ideais que pudessem abalar sua fé. Somente um pequeno grupo parecia prestar atenção nas inovações que emergiam em países como França e Inglaterra. Entre esses esclarecidos, estava José de Carvalho e Melo, a quem o rei confiou a reconstrução de Lisboa:

"Levado à presença do rei, Carvalho ficou chocado com a cena de confusão e piedosas invocações, e por ver o monarca num estado tão evidente de angústia. O diálogo que se seguiu teve enorme significado e definiu a resposta para a crise com a precisão de um aforismo.

- O que deve ser feito para enfrentar esta imposição da justiça divina? - perguntou o rei. - Enterrar os mortos e alimentar os vivos - respondeu Carvalho.

A declaração era exatamente o que o rei prostrado desejava ouvir."

Em *O Último Dia do Mundo*, o autor revela como, inspirado nos grandes filósofos iluministas da época, Carvalho fez com que a razão triunfasse sobre o obscurantismo religioso. Assim, enquanto muitos rezavam, ele rapidamente enviou tropas para apagar o fogo, buscar sobreviventes em meio às ruínas e controlar os saqueadores. Lisboa seria reconstruída, e ressurgiria como uma cidade moderna, de ruas largas, com sistemas de esgoto e escoamento adequados.